

**A UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E AS POLÍTICAS PARA OS MUSEUS
UNIVERSITÁRIOS**

Gabriela Santos da Silva¹
Sidélia Santos Teixeira²

Resumo: Os museus se constituem como importantes instituições para a sociedade, são responsáveis pela salvaguarda, estudo e divulgação dos bens produzidos pela humanidade, ao longo do tempo. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar a situação e o papel dos museus da Universidade Federal da Bahia nos campos da produção e difusão do conhecimento científico. Para o presente estudo, adotamos a abordagem qualitativa que possibilitou descrever ideias e relatar os fatos pesquisados, além de promover a interação do pesquisador com os profissionais destas instituições, contribuindo assim, para a obtenção de dados significativos para a pesquisa. Do ponto de vista metodológico, realizamos entrevistas com o pessoal técnico dos museus e exploramos os principais documentos sobre o histórico e os projetos propostos por estas instituições museais. As conclusões apontam para a necessidade de trabalharmos de forma mais coletiva, no sentido de definirmos e implementarmos uma política museológica na UFBA, pois as equipes dos museus apesar de atuarem com muita dificuldade ainda precisam de mais apoio para conseguirem cumprir, de forma satisfatória, os seus compromissos públicos com a produção e a divulgação científica. A pesquisa ainda aponta para o fato de que os museus da UFBA podem contribuir, de forma permanente, com o processo de formação de indivíduos críticos e conscientes, não ficando apenas restritos à comunidade universitária. Assim, compreendemos que é essencial aproveitarmos explorarmos esse valioso instrumento – o museu, por meio da implementação de políticas públicas eficazes e eficientes para o desenvolvimento da sociedade.

Palavras-chave: Museus Universitários; Educação Museal; Políticas Universitárias.

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho, faz parte da pesquisa de mestrado, em andamento, que envolve a análise das ações culturais e educativas nestas instituições. Desejamos contribuir com a análise, reflexões e debates sobre os museus universitários da UFBA e dos museus brasileiros, de maneira geral com vistas também à valorização e demonstração da importância desse campo para o Brasil. Assim, desde o ano de 2017, estamos trabalhando com os seguintes museus da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Museu de Arte Sacra (MAS), Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) e o Museu Afro-brasileiro (MAFRO). Em linhas gerais, podemos afirmar que as dificuldades enfrentadas pelo corpo técnico dessas instituições são muitas, devido, principalmente, a

¹ Aluna do mestrado em Museologia da Universidade Federal da Bahia.
Email:gabrielasantossilva123@gmail.com

² Professora (associada) do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia.
Email:sideliat@yahoo.com.br

ausência de uma política museológica estruturada e consolidada. Nesse sentido, essas instituições não contam com orçamento específico, pessoal técnico suficiente, instalações físicas adequadas, aspectos legais definidos, etc.

Contudo, os museus se configuram como espaços de memória, onde é possível verificar as relações construídas entre indivíduos e a sociedade, por meio dos bens culturais sejam eles materiais ou imateriais. Os acervos das instituições museológicas permitem analisar e interpretar o passado e continuidades, possibilitando ainda, o estudo e a compreensão das identidades associadas aos grupos formadores de determinada sociedade.

Assim, neste artigo, discutiremos sobre a importância dos museus universitários. Trata-se de uma tipologia que possui muitos aspectos parecidos com as demais instituições museais, no entanto, apresentam singularidades que lhes conferem uma significativa responsabilidade social, dado que os mesmos possuem um forte compromisso público com o desenvolvimento cultural, científico e tecnológico das sociedades. Para tanto, optamos por discutir inicialmente, sobre o conceito de museu universitário e suas características. Dessa forma, torna-se possível refletir sobre a importância e valorização destes espaços e o papel da política da universidade para estas instituições.

Dentre os museus investigados, o Museu de Arte Sacra (MAS) é o mais antigo deles, datado de 1957, sendo instituído através de um convênio entre a universidade e a Arquidiocese de Salvador; o Museu Afro-brasileiro (MAFRO) criado em 1982 e o Museu de Arqueologia e Etnologia datado de 1983.

1. Museus universitários

Os museus, normalmente, são classificados de acordo com as categorias de suas coleções. No entanto, não existe consenso na Museologia acerca dessa classificação. Com efeito, Fernández (2001) aponta que:

Se admite que una clasificación es una teoría implícita o una hipótesis sobre los caracteres más significativos que habrá de hacerse explícita o justificarse y explicarse. También que los contenidos son los rasgos más definidores del museo. De este modo los diversos autores siguiendo en mayor o menor grado

las directrices del ICOM han elaborado sus propias clasificaciones o tipologías de museos.³ (p. 110)

Assim, os museus universitários, diferentes de muitas instituições museais, constituem-se a partir de uma tipologia bastante singular, podendo abarcar diferentes tipos de coleções em seus acervos. Dessa forma, Almeida (2001) afirma que: “um museu universitário é caracterizado por estar parcial ou totalmente, sob a responsabilidade de uma universidade – salvaguarda do acervo, recursos humanos e espaço físico” (p. 10). Nesse caso específico, a definição da tipologia do museu universitário está diretamente atrelada ao seu vínculo institucional.

Meirelles (2015) aponta que os museus universitários surgem ainda no século XVII “com a criação do Museu de Arte (Kunstmuseum Basel), na Basileia, Suíça, após a aquisição do Gabinete Amerbach, reconhecido colecionador humanista” (p. 115). A autora assinala que a família Amerbach possuía coleções de quadros, trabalhos em ouriversaria, livros, curiosidades naturais e moedas, cujas condições de acondicionamento eram inadequadas e sofriam risco de perda, e assim, os cidadãos e a universidade se juntaram com a finalidade de adquirir a referida coleção. Com efeito, podemos verificar, que desde o seu surgimento, verifica-se à diversidade do acervo destas instituições.

Durante o século XIX, os museus universitários tornaram-se mais numerosos, “as coleções de história natural, sobretudo, fundamentaram seus núcleos iniciais em grande parte do mundo, dando ênfase à sua finalidade educativa” (MEIRELLES, op.cit., p. 21). Segundo a autora, no Brasil, isso vai ocorrer no ano de 1946, quando o Museu Nacional foi incorporado à Universidade do Brasil, atualmente, Universidade Federal do Rio de Janeiro, sendo considerado um dos maiores museus de história natural e antropologia de toda a América do Sul.⁴

³Aceita-se que uma classificação é uma teoria implícita ou uma hipótese sobre as características mais significativas que devem ser explicitadas ou justificadas e explicadas. Além disso, os conteúdos são as características mais marcantes do museu. Desta forma, os vários autores que seguem, em maior ou menor grau, as diretrizes do ICOM elaborando suas próprias classificações ou tipologias de museus. (FERNANDEZ, 2001, p. 110)

⁴ Uma parte significativa do acervo do Museu Nacional foi perdido em decorrência de um incêndio ocorrido em setembro de 2018. Esse fato aponta para as dificuldades de manutenção dessas instituições.

Concordamos com Almeida (2001) quando a autora afirma que estas instituições são recentes, no Brasil, se comparada com outros países. Nesse país, de modo geral, verifica-se a falta de políticas específicas para a manutenção desses espaços.

Ribeiro (2007) aponta que:

A produção de conhecimento pelos museus universitários, que além da difusão, permitem evidenciar o processo de construção do saber, a formação profissional, refletida na interdisciplinaridade estrutural e funcional e a reflexão crítica, o debate e as ações que promovem e/ou levam à compreensão das mudanças socioculturais da sociedade contemporânea são alguns diferenciais que, por sua vez, aumentam sua responsabilidade social, reforçando o seu papel perante as universidades e a sociedade, ao mesmo tempo em que os tornam responsáveis pelo desenvolvimento cultural, científico e tecnológico de que o Brasil tanto precisa quanto vem se empenhando em implantar (p. 22-23).

Dessa forma, é imprescindível que as universidades brasileiras ampliem seu raio de atuação, no sentido de construir competências e consciências aliadas também a busca pela humanização do conhecimento, por meio da sua difusão.

Nesse contexto, ressaltamos que nas últimas décadas, muitos profissionais se esforçaram, visando chamar à atenção para os problemas enfrentados pela museologia universitária brasileira, no sentido de “despertar o interesse e a vontade política de garantir a esses museus oportunidades de crescimento e desenvolvimento, possibilitando-lhes o salto de qualidade que podem empreender” (RIBEIRO, 2007, p. 35). Tal empenho pode ser exemplificado através da realização do I Encontro Nacional de Museus Universitários que ocorreu na Universidade Federal de Goiás (Goiânia), em 1992. O Encontro reuniu profissionais de quase todos os estados e de inúmeras universidades brasileiras, a fim de debater questões relacionadas ao tema principal - "O museu universitário hoje". Esse encontro resultou na criação do FPMU – Fórum Permanente de Museus Universitários. Em seguida, foram realizados mais quatro encontros, sendo o último em 2018, após o incêndio do Museu Nacional. Esses seminários possuíam o mesmo objetivo, ou seja: debater os principais problemas dos museus universitários e buscar soluções.

É compreensível que os problemas enfrentados pelos museus universitários são também reflexos das políticas universitárias. Portanto, é necessário que essas instituições definam o papel dos museus que estão sob sua responsabilidade,

principalmente, por meio de uma política que possa viabilizar o funcionamento adequado dos museus universitários. Com efeito, Santos (2006) chama à atenção para:

[...] a necessidade de articulação do projeto museológico com a política da universidade e com a política museológica, que devem apontar as diretrizes para o desenvolvimento dos programas de pesquisa, preservação e comunicação dos museus. É necessário deixar claro de qual projeto de universidade e de museus estamos falando (p. 4).

Desse modo, levando-se em conta que o uso do conhecimento pode e deve ser aproveitado como uma ferramenta capaz de transformar as sociedades, torna-se fundamental que o acesso às pesquisas acadêmicas seja mais democrático e os museus universitários representam um caminho privilegiado para contribuir com a realização deste objetivo.

2. A Universidade Federal da Bahia e as políticas para os museus

O contexto histórico de criação da Universidade Federal da Bahia aponta para o fim do regime nazifascista, o crescimento dos movimentos de libertação nacional frente ao colonialismo, o fim da ditadura Vargas, a promulgação da Constituição de 1946 e, na Bahia, a posse do governo democrático por Octávio Mangabeira, do qual também fazia parte o educador Anísio Teixeira. Essa conjuntura, marcou uma nova geração a tomar o conhecimento e a educação como ferramentas de transformação e emancipação social. (UFBA, 2017)

Criada sob a liderança do médico e Professor Edgard Rego dos Santos em 1946, no governo do Presidente Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), quando era Ministro da Educação Ernesto de Sousa Campos – médico e um dos fundadores da Universidade de São Paulo (USP), em 1934 –, a Universidade da Bahia teve seus primeiros anos de formação associados a um contexto de renovação do País, visto que era o fim de um período ditatorial que durou 15 anos, a chamada Era Vargas.

A então chamada “Universidade da Bahia”, foi oficialmente instalada em 2 de julho de 1946, no Terreiro de Jesus, na antiga Faculdade de Medicina, criada em 1808, quando a corte portuguesa recém-chegada, no Brasil, determinou a criação da primeira escola de ensino médico do país. Atualmente, situam-se nesse mesmo prédio - o Museu Afro-brasileiro e o Museu de Arqueologia e Etnologia. Nesse mesmo período, também foram criadas a Faculdade de Farmácia (1832), Escola de Belas Artes (1877), Faculdade

de Direito (1891), Escola Politécnica (1897), Faculdade de Ciências Econômicas (1905), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1943). Em 1948, deu-se a reestruturação e anexação definitiva da Escola de Biblioteconomia (subvencionada desde 1946) e, foi inaugurado o Hospital das Clínicas (o atual Hospital Professor Edgard Santos - HUPES), com 17 enfermarias e 18 clínicas e ambulatórios, centro cirúrgico, além de cinco anfiteatros para as atividades de ensino. Em 1949, foram instituídos os cursos de Odontologia e Farmácia, que até então eram setores da Faculdade de Medicina (UFBA, op.cit.).

No contexto de sua criação, a “Universidade da Bahia” mostrava-se diretamente ligada ao processo de internacionalização. Nas artes, por exemplo, vieram professores alemães, suíços, franceses, italianos, para contribuírem com o ensino da música, da dança, teatro e artes plásticas, além dos estudos de história e cultura africanas. Houve também, o convênio com os americanos para a criação da Escola de Administração (através da Fundação Ford), além do movimento de criação do Museu de Arte Sacra e de diversos institutos de extensão cultural. (UFBA, op.cit.)

No entanto, segundo Marques (2007), só a partir de meados da década de 1990, com o então Reitor Felipe Serpa, os museus começaram a ganhar algum destaque nas políticas universitárias. Segundo a autora, o referido reitor concebia os museus como centro de difusão e interlocução dos conhecimentos produzidos nos departamentos, colegiados e grupos de pesquisa da UFBA para as comunidades de Salvador.

Em 2003, houve o lançamento da Política Nacional de Museus – PNM –, o que impactou os museus da Universidade Federal da Bahia, pois foram desenvolvidas ações a partir do Eixo Programático de Formação e Capacitação em Museologia, cuja coordenadora foi a professora e museóloga Maria Célia T. M. Santos. Para tanto, foi criada uma comissão local na cidade de Salvador, composta por profissionais de museus e também de órgãos públicos da área cultural, como a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, da Fundação Gregório de Matos, da Diretoria de Museus do IPAC – DIMUS, e alunos e professores do curso de Museologia da UFBA. Um dos propósitos foi o de estimular a criação de cursos de graduação e pós-graduação em Museologia no Brasil. Sobre essa questão, Santos (2005) aponta que:

[...] foi proposta a construção de uma ampla rede de interação entre os profissionais da área, os cursos de Museologia e os gestores, nas esferas federal,

estadual e municipal, em torno de princípios participativos. Assim, senti-me motivada a continuar o processo de mobilização iniciado com a construção do Eixo 3, assumindo o compromisso de começar a sua aplicação no Estado da Bahia, conclamando a classe museológica para trabalhar em um projeto-piloto, tendo como referencial o documento básico da PNM. Compreendi que era necessário aplicar as propostas ali formuladas (p.9).

Neste período o Reitor da UFBA era o Prof. Dr. Naomar Monteiro de Almeida Filho, que ficou no cargo até 2010. O então Reitor se comprometeu com criação do Museu de História Natural, da Estação Ciências, o Memorial de Saúde Brasileira e o Memorial Edgar Santos (ETCHEVARNE, 2006, p. 3). Entretanto, na prática, essas ações não ocorreram.

No atual Estatuto e Regimento Geral da Universidade Federal da Bahia, datado de 2010, os museus aparecem como órgãos estruturantes - Sistema Universitário de Museus, com dotação orçamentária específica, cargos e lotação própria de pessoal técnico-administrativo.

Contudo, até o presente momento esse sistema também não foi implementado. Segundo o atual diretor do Museu de Arte Sacra, a principal fonte de renda para manutenção das atividades da instituição, advém de alguns eventos, como por exemplo: casamentos e formaturas que ocorrem no museu. No Museu Afro-Brasileiro e no Museu de Arqueologia e Etnologia a situação se repete, tendo em vista o orçamento reduzido. Além disso, o valor arrecadado na bilheteria é insuficiente para a realização das ações básicas do museu – documentação, conservação, exposição, ação cultural e educativa.

Vale ressaltar que o Museu Arqueologia e Etnologia, enfrentam dificuldades desde a sua inauguração que ocorreu de maneira tardia, devido a “indisponibilidade de fundos, ou seja, a Universidade teve que paralisar algumas obras iniciadas, em virtude da falta de recursos” (OLIVEIRA In MAE, 2013, p. 5). Portanto, observamos que desde as implantações, os museus não fazem parte de uma pauta específica, no quadro da Universidade.

Além dos problemas elencados, identificamos outras dificuldades, principalmente, quando investigamos as condições dos museus, no que tange à falta de documentação, materiais e profissionais para viabilizar o desenvolvimento das suas principais funções. Um dos técnicos do Museu Afro-Brasileiro reforça essa percepção, quando afirma que não há apoio por parte da Universidade para os museus, sendo que a maioria das

conquistas e ações realizadas foram e são frutos do engajamento dos dirigentes e funcionários da instituição.

Assim, observamos que as determinações previstas no Regimento Geral da UFBA não foram suficientes para mudar a realidade dos museus da Universidade Federal da Bahia. Entretanto, reconhecemos o potencial dos museus universitários da UFBA, sobretudo, por considerarmos que os mesmos são ferramentas que podem contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática.

Considerações finais

Os museus universitários, possuem as mesmas funções que as demais instituições museais. No entanto, por estarem atrelados às universidades, apresentam maior responsabilidade social, pois possuem um compromisso com a produção e divulgação de conhecimento científico.

O presente artigo buscou elucidar a importância dos Museus da Universidade Federal da Bahia e as dificuldades enfrentadas por essas instituições, devido, principalmente, à ausência de política interna que seja capaz de suprir as principais necessidades destas instituições.

O estudo dos museus universitários em geral, revela que os problemas enfrentados pelos Museus da Universidade Federal da Bahia não são exclusivos destas instituições, sendo necessário, portanto, que as universidades definam qual o papel dos museus que estão sob sua administração, principalmente, por meio da aplicação de uma política museológica.

É preciso uma articulação coletiva que englobe os responsáveis dos museus, estudantes, professores e servidores – no sentido de forjarem uma ação mais propositiva, junto à administração central da UFBA e aos ministérios da Educação e de Ciência e Tecnologia, com vistas ao real cumprimento dos objetivos dessas instituições junto a sociedade brasileira.

Referências

ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e Coleções Universitários: Por que Museus de Arte na Universidade de São Paulo?**. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. doi:10.11606/T.27.2001.tde-10092003-160231. Acesso em: 2019-02-01.

ETCHEVARNE, Carlos. (Org). Catálogo dos museus da UFBA: Museu de Arqueologia e Etnologia. Salvador: Ministério das Relações Exteriores [do Brasil]. 2006, p. 40.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso. **Museologia y Museografía**. 2ª ed. Barcelona: Ediciones Del Serbal, 2001.

MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia. **Boletim informativo do Museu de Arqueologia e Etnologia**. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013

MARQUES, Roberta Smania. **Os museus da Universidade Federal da Bahia enquanto espaços de ensino não-formal**. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Programa de pós-graduação em ensino, filosofia e história das ciências, 2007, 302 p. Dissertação de Mestrado.

MEIRELLES, Lídia Maria. **Museus universitários e políticas públicas: gestão, experiências e dilemas na Universidade Federal de Uberlândia**, 1986-2010. 308 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

RIBEIRO, Maria das Graças. Universidades, museus e o desafio da educação, valorização e preservação do patrimônio científico-cultural brasileiro. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario; SEPÚLVEDA, Myrian. (Org). **MUSEUS, COLEÇÕES E PATRIMÔNIOS: NARRATIVAS POLIFÔNICAS**. Rio de Janeiro, Garamond, MinCJIPHAN/ DEMU, 2007. p. 20 - 47

SANTOS, Maria Celia T. Moura. **Apresentação**. In: SANTOS, M.C.T.M. (org.). Programa de Formação e Capacitação em museologia: Projeto Bahia, Relatório 2003 – 2005. Salvador: MINC/IPHAN/DEMU, 2005. p. 9-11.

_____, Maria Célia T. Moura. Museus universitários brasileiros: novas perspectivas. **Encontro do fórum permanente de museus universitários**, 4., 2006, Belo Horizonte. Museus Universitários: ciência, cultura e promoção social. São Paulo: ICOM-BR, 2006. Disponível em: <<https://mktuff.wikispaces.com/file/view/Museu+universitario.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Estatuto e Regimento Geral**. 3 de julho 2010. Disponível em <https://ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/Estatuto_Regimento_UFBA_0.pdf>. Acesso em 01 dez 2018.

UFBA - Universidade Federal da Bahia. Plano de Desenvolvimento Institucional 2018 – 2022. Salvador, 2017. Disponível em: <https://proplan.ufba.br/sites/proplan.ufba.br/files/pdi-2018-2022.pdf>. Acesso em: 04 de abril de 2019.